

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – CAMPUS LITORAL

DENISE CATARINA PRESTES MAZUROSKI

**ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR**

VALORES QUE ME CONSTITUEM: RESSIGNIFICANDO MINHA TRAJETÓRIA.

Matinhos

2017

DENISE CATARINA PRESTES MAZUROSKI

VALORES QUE ME CONSTITUEM: RESSIGNIFICANDO MINHA TRAJETÓRIA.

Relato de história de vida, apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, no Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná – Litoral.

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet

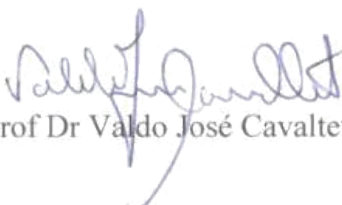
Matinhos

2017

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Prof Dr Valdo José Cavaltet, realizaram em 16 de dezembro de 2017 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Denise Catarina Prestes Mazuroski sob o título “Valores que me Constituem: Ressignificando Minha Trajetória”, sendo requisito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito “APL”.

Matinhos, 16 de dezembro de 2017



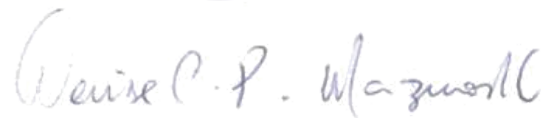
Prof Dr Valdo José Cavaltet



Profa Dra Lenir Maristela Silva



Profa Msa Mirian Cristina Lopes



Denise Catarina Prestes Mazuroski

Conceitos de aprovação
APL – Aprendizagem Plena
AS – Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI – Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

Caso o(a) Estudante seja orientado(a) a reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso os requisitos apontados pela Banca para o aceite final do trabalho.

Dedico este trabalho à minha mãe, Clarice Mazuroski. A mulher mais forte e amável que conheço. Que se empenhou na criação dos filhos e netos, e resiste bravamente aos acontecimentos dolorosos da vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, pelo apoio e compreensão. Amo vocês!

Ao eNeGenCiano mais humano que conheço, Sr. Valdo J. Cavallet. Obrigada por me guiar nessa autodescoberta!

Às queridas Lenir Maristela e Mirian Lopes, por terem aceitado o meu convite.

Aos demais professores do curso de Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar.

A todos que, direta ou indiretamente contribuíram ao longo da caminhada.

GRATIDÃO!!!

CATARINA

Ela pôs os pés no chão,

Tão visíveis àquela função.

Na terra vermelha e compacta,

Era parte da paisagem, intacta.

*Como fruto de um sonho, assim ela me
veio.*

Produto de vivências recentes?

Visões do passado?

*Ou seria um chamado dos meus
ascendentes?*

São caquinhos de um mosaico,

Que não se completará.

Só sei que quanto mais eu vivo,

Mais viva em mim ela está!

Denise Mazuroski, 2017.

Poema em homenagem à minha avó, Catarina. Fonte de inspiração e sabedoria.

RESUMO

O presente trabalho teve como metodologia a história de vida, portanto, trata-se de um relato de acontecimentos significativos e elementos importantes na formação do sujeito. Através da construção de significados e da ressignificação de valores que foram constituídos ao longo de suas vivências, foi possível uma reflexão pelo viés da educação, origem e solução para diversos questionamentos sociais.

Palavras-chave: Autobiografia. Educação. Ressignificação de valores.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como metodología la historia de vida, por lo tanto, se trata de un relato de acontecimientos significativos y elementos importantes en la formación del sujeto. A través de la construcción de significados y de la resignificación de valores que se constituyeron a lo largo de sus vivencias, fue posible una reflexión por el sesgo de la educación, origen y solución para diversos cuestionamientos sociales.

Palabras clave: Autobiografía. Educación. Resignificación de valores.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO - SE ACHEGUE QUE O PAPO É BOM!.....	6
2	QUEM EU SOU?.....	6
3	ANTEPASSADOS.....	7
4	ESCOLA NA INFÂNCIA.....	8
5	INTENSAS VIVÊNCIAS.....	9
6	GRADUAÇÃO E PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO I.....	10
7	ESPECIALIZAÇÃO E PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO II.....	14
8	VALORES E RESSIGNIFICAÇÃO.....	20
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	ANEXOS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO - SE ACHEGUE QUE O PAPO É BOM!

Escrever sobre si mesmo é muito difícil, embora pareça algo simples. A história de vida, ou autobiografia exige um retorno ao passado e uma reflexão sobre acontecimentos que marcaram de maneira significativa a nossa caminhada. Relutei em dado momento, pois tocar em determinados conflitos que eu já havia tentado apagar da memória me provocou certo desconforto. Mesmo assim, tal trabalho é importantíssimo para a autodescoberta. Descobrir a si é a solução e a questão, de acordo com Freire (1981, p.29), *“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos, como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no seu reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões da procura”*. Ao fazer uma reflexão a partir dessa afirmação, é possível lidar com os três tempos em conjunto. Este trabalho teve como metodologia a história de vida, portanto, trata-se de um olhar meditativo no passado e, almejando algo no futuro, mas movimentando-se no presente. É com um pensamento reflexivo que relato parte da minha breve existência.

2 QUEM EU SOU?

Segundo Morin (2002, p.47), *“Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele.”* Portanto, partindo do que sabemos sobre os universos possíveis, sou um dos bilhões de indivíduos que habitam o planeta Terra, situado na Via-Láctea. Uma das bilhões de galáxias existentes no nosso universo, dado isto, sou resto de poeira cósmica. Um minúsculo cisco perdido no cosmo. Além de um ser biológico, possuo uma bagagem cultural, histórico, social e psíquico, por tanto, a complexidade da identidade humana é o que nos torna diferentes e iguais. Para uma melhor compreensão, é necessário apresentar meus antepassados e contextualizar como se deu minha construção de valores ao longo da jornada. Só assim, o leitor poderá vir a compreender possivelmente o porquê das minhas escolhas, e quem sabe, juntar-se a mim em algum projeto futuro.

3 ANTEPASSADOS

Conheci apenas três dos meus avós. Alice, Catarina e Manoel. Do lado paterno, David Mazuroski fugiu da Segunda Guerra, e como imigrante recomeçou a sua vida casando-se com Alice Gomes Mazuroski no Brasil. Do relacionamento nasceu meu pai e mais quatro irmãs. Quando David faleceu, Sérgio tinha apenas três anos. Portanto, restaram poucas lembranças da figura paternal. Em seguida, minha avó foi enganada e ficou sem as terras que herdara do meu avô. Tendo que recomeçar com os seus filhos do nada, Alice ausentou-se bastante para poder alimentá-los. Meu pai ajudava com as despesas engraxando sapatos no centro de Curitiba. Cresceu sem o pai e sem amparo da mãe que trabalhava muito. Também não frequentou a escola.

Quanto aos avós maternos, Manoel de Souza Prestes, roubou a minha avó de uma aldeia indígena perto de Canoinhas- SC, segundo a minha mãe. Eles tiveram dez filhos. Manoel foi combatente na Segunda Guerra Mundial, lembro-me muito bem das histórias que ele nos contava ao anoitecer. Ficávamos ao redor do fogão à lenha, comendo milho assado que colhíamos durante o dia com a minha avó. A casa era simples, de madeira, com o banheiro "casinha" noutra canto do terreno. Catarina, quase sempre descalça, com seu longo cabelo solto, me orientava na rotina dos animais, nas colheitas e era quem corrigia quando os netos aprontavam.

Minha mãe, Clarice, começou a trabalhar cedo como babá para ajudar nas despesas da casa. Quando ela resolveu que iria estudar, meu avô não permitiu, pois segundo ela, Manoel dizia que a mulher não precisava estudar apenas o homem. Caberia à mulher cuidar dos filhos e da casa. Então ela mudou-se para outra cidade para trabalhar como empregada doméstica. Conheceu um rapaz e desse envolvimento nasceram Ivone e Vilson. Meus irmãos mais velhos. Ela foi fortemente criticada, apanhou de minha avó, mas superou sem o auxílio do pai das crianças. Mudou-se para o Paraná em busca de oportunidades melhores, deixando os filhos com Catarina e Manoel. Em Curitiba conheceu meu pai, e logo foi dizendo que tinha dois filhos, que se ele gostava dela, deveria gostar dos dois igualmente. Sérgio visitou a família de minha mãe e então voltaram para Curitiba com as crianças e com o pouco que eles tinham, alugaram uma casa e logo minha mãe engravidou novamente. Eu estava a caminho.

Ela trabalhava como faxineira em uma academia. Meu pai era muito ciumento e na época começou a ingerir bebida alcoólica com frequência, e então, ocorreram as primeiras agressões. Ela teve um parto bem delicado. Nasci no dia 17 de dezembro de 1987, com baixo peso, antes do tempo e com problemas respiratórios. Meu primeiro ano foi praticamente de idas e vindas do hospital. Entre tantas internações, minha mãe acabou tendo que sair da academia para trabalhar em um escritório de contabilidade, como empregada diarista. Clarice engravidou do Marcelo, e logo que ele nasceu meus pais decidiram se mudar para o Litoral do Paraná. Dizia-se que a praia era um remédio para quem tinha bronquite e asma, assim eles acreditaram. Com o tempo, realmente, minhas crises de asma foram diminuindo.

Mudamo-nos para Matinhos, passamos a ser caseiros na residência de praia do dono da oficina onde o Sérgio trabalhou por anos. Nos fundos tinha um quarto e um banheiro. Na varanda havia uma pia e ali fizemos a nossa cozinha. Além de limpar a casa do patrão, meu pai fazia a manutenção e cuidava do jardim. Clarice conseguiu um emprego na Associação Banestado, onde hoje é o campus da UFPR Litoral. Meu pai nesse período a vigiava no trabalho, e sempre a tratava com estupidez, agredindo-a verbalmente com frequência. Nós, os filhos, tentávamos intervir, mas não conseguíamos. Restava-nos acolher a nossa mãe e enxugar suas lágrimas. Certa vez, ela estava trabalhando na casa da vizinha, em frente a nossa. Sérgio ficou muito enciumado por que viu o filho da vizinha pedir algo para a minha mãe. D. Elaine, que era nossa vizinha nos tratava como uma avó. Lembro que meu pai tentou invadir a casa dela com um facão. Ele ameaçava a minha mãe aos gritos. E nessa correria ele disse que ia pegar alguma coisa em casa, então, minha mãe pegou a mim e ao Marcelo e nos escondemos no lar de uma amiga dela. Essa noite nós sentimos muito medo. Mas ela protegeu os quatro filhos. Quando o porre passava, meu pai era outra pessoa. Não sei como ela suportou tudo isso.

4 ESCOLA NA INFÂNCIA

Ouvi durante toda a minha infância que, “o caminho é a educação”, assim dizia minha mãe. Ela se referia à escola. Frequentar a escola. No entanto, a escolarização foi outro processo na minha caminhada que provocou traumas e me

instigou a pensar na figura do educador e no papel da escola. Tive uma professora por dois anos seguidos, terceira e quarta série. Sofri muitas humilhações na sala de aula. Fui chamada de burra por não conseguir resolver uma conta na matemática, ter o meu caderno constantemente como alvo de zombaria por não ter a letra perfeita, ela arrancava a folha e me fazia copiar novamente. Até a incapacidade de conter a urina e fazer xixi na calça, pois, ela não me permitia sair para ir ao banheiro. Quando eu relatava tais acontecimentos para a minha mãe, ela apenas dizia que era para eu ouvir e respeitar a professora, pois, ela estava sempre certa. Talvez a minha mãe não conseguisse compreender a seriedade de tais ações e consequências que acarretariam traumas no futuro. Talvez sua vida estivesse tão conturbada, que ela apenas ouvia e, mecanicamente aconselhava a agir normalmente. Eu me questionava se eu era mesmo burra. Onde eu estava errando? Será que ela me odiava? Com o tempo, aquela criança ativa e comunicativa aquietou-se, tornando-se invisível aos olhos da escola e da família. A “boa aluna”. Mesmo assim, com muita dificuldade, ela sempre proporcionou condições para que todos os filhos estudassem. Em determinado período ela frequentou o Ensino para Jovens e Adultos, mas meu pai começou a incomodá-la e ela desistiu. Diante dos conflitos que nossos pais enfrentavam, nos coube à função de cuidar uns dos outros.

Devido à péssima experiência na outra escola, eu ficava muito atenta às atitudes do professor. Passei a classificá-los como “bons e os maus” professores. Eu me imaginava na figura de educadora. “Como” e “o quê” eu faria com os alunos. E o que eu jamais ousaria repetir. Considerando o aluno o centro da aprendizagem. Inconscientemente, eu já havia feito a preciosa escolha. Não a carreira dos sonhos, mas lutar por um ideal de educação mais humana. Cessar essa prática de opressão e homogeneização dos indivíduos. Já no Ensino Médio, no Colégio Estadual “Gabriel de Lara”, eu tive a oportunidade de desenvolver laços de amizade com alguns professores, ligações que teimam em resistir ao tempo.

5 INTENSAS VIVÊNCIAS

Jeferson Filho nasceu em maio de 2006, fruto do meu envolvimento com Jeferson Adriano Serafim. Com quem eu moro há doze anos. O fato de eu me tornar mãe tão cedo já exigiu de mim um amadurecimento rápido. Com isso, pulei algumas

fases. Já ajudava a cuidar dos meus sobrinhos, filhos da minha irmã, Kauã e Kahena. Mas quando dei conta de que, eu era para aquela criança uma fonte de afeto, segurança e, futuramente lembranças, repensei todos os meus planos. Dediquei-me a ele, fazendo-me presente no seu desenvolvimento. E ele comigo, em todos os espaços.

Em fevereiro de 2007, acordei com o desespero do meu pai ao me pedir ajuda, pois meu irmão Vilson havia sido assassinado e minha mãe surtou ao receber a notícia. Em choque, saí para procurá-la. Ela estava perto de um mercado segurando uma faca em busca do assassino. Assim que a abracei ela perdeu a consciência. Nesse momento, fui tomada por lembranças, não dele, mas nossa. E como nós éramos ligados. Cuidávamos uns dos outros. Crescemos com esse olhar, de que o afeto e o cuidado para com o outro é muito importante. E naquele momento eu precisava ser o colo para a nossa mãe. Meu pai e um amigo resolveram os trâmites legais enquanto eu cuidava dela. O assassino estava preso. E até onde declarou, matou Vilson por conta de uma armação de sua amasia que gostava do meu irmão, mas que não foi correspondida. Houve um longo período de depressão, Clarice desistiu de viver algumas vezes. Os filhos e os netos a mantinham aqui. Assim ela dizia. Não vivenciei o luto, precisei ser o apoio, e com o tempo adoeci. Após algumas conversas com um psicólogo, decidi que deveria seguir.

6 GRADUAÇÃO E PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO I

Fui aprovada para o Curso de Linguagem e Comunicação, na Universidade Federal do Paraná- UFPR Litoral, em 2009. Começava uma nova etapa cheia de esperanças e orgulho, pois eu fui a primeira integrante da família a terminar os estudos e iniciar o Ensino Superior.

Para um aluno que sai do sistema de educação público, tradicional, de conteúdo e mercadológico, e se depara com um Projeto Político Pedagógico único, que visa à emancipação e a autonomia, foi um choque. Aos poucos fui aprendendo e me envolvendo em diversos projetos da instituição. Nesse processo, obtive muitos conhecimentos teóricos, ajudei a produzir conhecimentos e principalmente, enxergar-me como sujeito da transformação social.

Em março de 2012, outro fato inesperado. Marcelo, meu irmão mais novo foi brutalmente assassinado numa emboscada arquitetada por sua ex- companheira com o seu namorado. Marcelo havia pedido a guarda definitiva da filha de dois anos, Laura, pois ela fora agredida pela mãe e seu amásio. A criança passou a morar na casa dos nossos pais, e Marcelo zelava por seu bem-estar e proteção. Vivia para Laura. Após receber ameaças, tentou registrar um Boletim de ocorrências, porém, o policial disse que não havia provas suficientes para comprovar a ameaça. Acredito que por ser Janeiro, o alto índice de ocorrências, o encarregado na equipe do “Projeto Verão” fez pouco caso. Quase dois meses depois, Marcelo foi encontrado sem vida, com dezoito perfurações na cabeça e no tronco. Uma vida, uma filha, uma família... Várias histórias.

Se aquele policial tivesse ouvido verdadeiramente o que meu irmão dizia. Além do som e das palavras. Se ele enxergasse em seus olhos o medo de faltar para quem ele mais amou. Se ele demonstrasse um pouco de empatia, e registrasse as três ameaças via telefone, será que teria esse desfecho? E se? Naquele começo de noite, um guarda municipal, primo do meu companheiro veio pedir para que ele o acompanhasse para reconhecer a vítima de um crime. Jeferson saiu sem me avisar. Só quando ele voltou, eu soube que havia perdido outro irmão. O caçula. Dessa vez quem deu a notícia para a minha mãe fui eu. Embora a morte seja algo certo, posto que ninguém é imortal, como dizer para uma mãe que seu filho teve sua vida ceifada?

Quando perdemos o Vilson, fui o colo para a nossa mãe. Quando o Marcelo se foi, senti que eu estava no centro de uma tormenta maior ainda. Todas as ações estavam por minha conta. Assumi o passo a passo até o enterro. Se não bastasse a dor da perda, tivemos que investigar o crime. Encontramos as provas que os policiais disseram não ter enxergado. Se não fosse nossa busca por respostas, o assassino não teria sido preso. Nesse momento, me questionei sobre a humanidade, o profissional, e a educação como meio de transformação. O que era a justiça? Ver o assassino preso, não traz ao meu irmão a vida. Mas traria tranquilidade para Clarice e Laura, visto que ele o matou pela posse da criança. Minha mãe poderia ser a próxima vítima. Mesmo eu não achando que o sistema prisional seja um meio efetivo de resolver a violência no país, o medo de perder mais alguém nos aterrorizava.

Tempos depois ele foi inocentado, mas nós recorremos. Após dois longos e dolorosos julgamentos, sua pena foi determinada. Restou saudade, uma dor que por vezes surge e entristece, e ótimas recordações de crianças que, mesmo tendo conflitos familiares e dificuldades financeiras, cresceu unida. Mas aonde cabe educação nesse contexto? No período em que estava para acontecer o julgamento, conversei com um professor que me fez a seguinte pergunta: - Mas para quê você acha que serve a educação nessa situação? Eu sabia a resposta, estava em mim. Eu só não havia descoberto. Depois de muito pensar, eu constatei que a educação faz parte da minha constituição. Na esfera humana, profissional e social. Ela está em todos os processos de construção de conhecimento e desenvolvimento das potencialidades humanas. Há que meditar nos seguintes pontos: vinda de uma formação tradicional, dividida por conteúdos específicos, que prepara os alunos para a competição no mercado de trabalho, culminou em determinado posicionamento diante da primeira perda. Após as vivências e estudos num Projeto Político Pedagógico que visa a autonomia e emancipação dos sujeitos, me posicionei ativamente na luta para assegurar que nossos direitos fossem garantidos. Se no primeiro não do delegado ou investigador eu desistisse, talvez o assassino tivesse ceifado outras vidas. Se na primeira dificuldade burocrática ou nos erros presentes no processo eu cedesse, minha mãe poderia não estar entre nós.

Mas como dizem, após a tempestade vem a calmaria. Nem sempre. Grávida do Ravi e terminando a graduação, enfrentei problemas conjugais com meu companheiro. Mudei-me para um apartamento na rua da Universidade, levando o meu filho Jeferson e o Ravi no ventre. Só assim tive tranquilidade para escrever o meu trabalho de conclusão. Foram três longos meses. Até que, após uma semana da defesa do trabalho Ravi chega trinta dias antes do previsto. Foi um parto difícil. Com complicações. Precisei deixá-lo na Unidade de Terapia Intensiva por sete dias. Claro, meu companheiro e eu passávamos o máximo de tempo possível com ele, mas tínhamos de voltar para Matinhos sem pequeno. Foi bem difícil. Voltamos para casa quando ele recebeu alta. Aprendemos muito nesse processo. O diálogo é fundamental na resolução dos conflitos.

Atuei como professora substituta no segundo semestre do ano de 2015. Assumi aulas de uma professora que havia saído de licença maternidade. E logo, aulas de uma professora de Arte, que havia desistido da turma por mau

comportamento. Outro grande aprendizado. Eu havia prometido a mim mesma que não faria como meus “maus” professores. Então decidi tentar ajustar à minha prática, estruturas do PPP da UFPR Litoral, dado que, eu vivenciei as etapas do Projeto e contribuí muito para a minha formação enquanto sujeito. Tomei cuidado para trabalhar com os educandos os conteúdos estabelecidos no currículo da escola. E a cada aula o diretor passava para ver o que eu estava ensinando. Logo me destaquei entre os professores, dado que, eu tratava os alunos com igualdade. Estava sempre disposta ao diálogo. Então, recebia críticas e julgamentos. Segundo eles, eu não sabia o que estava fazendo. A falta de experiência me levava àquela situação e em breve eu estaria agindo como eles, professores experientes.

A turma da qual a professora desistiu era de aceleração. Ou seja, oitavo e nono ano cursados no período de um ano letivo. E ainda, alguns alunos possuíam laudo médico com alguma dificuldade no processo de aprendizagem. Além dos primeiros tópicos citados, era uma turma com muitos conflitos entre eles, uma aluna que não era aceita pelos colegas, pois, levava seu bebê de poucos meses com ela para não perder o ano letivo. Um deles era homossexual e sofria agressões verbais dos colegas. Alguns se reuniam antes das aulas para fazer uso de drogas ilícitas. *Bullyng* constante com um menino que estava acima do peso. Enfim, parti dos conflitos como material para diálogo e uma produção artística para trabalhar os conteúdos obrigatórios. Quebrei o muro que existia entre nós, ambos aprendemos muito. Tornamo-nos próximos e eles passaram a se dedicar durante os encontros. Os conflitos foram se resolvendo com o tempo e os alunos que antes enxergavam o ambiente escolar como uma prisão, passaram a sentirem-se parte desse espaço. Outras duas professoras viram o efeito da mudança e adotaram outra postura para com os educandos. Tive muita paciência, e vontade de ajudá-los a perceberem que eram valiosos, pois eles estavam com estima baixa. Todos os professores reclamavam que eles eram a pior turma. Um dos trabalhos mais marcantes foi o grafite, conseguimos o muro da escola para pintar. Pena que acabou o ano e o meu contrato. Eu deveria ter tentado seguir com o projeto.

Outra turma que exigiu de mim um olhar mais apurado, uma sensibilidade para a descoberta de uma didática mais efetiva no caso de ter um educando autista, foi um dos sextos anos da mesma escola. A princípio conversei com a educadora da sala de recursos para saber como avaliar e como abordar os conteúdos no tempo

dele. Ele sentava-se isolado na última carteira. E os colegas sempre o tratavam com distância. O garoto autista possuía síndrome de *Asperger*. É inteligentíssimo. Ele me fazia perguntas que exigiam uma reflexão e pesquisa. Só que o diálogo foi ocorrendo com o tempo. Aos poucos ele passou a confiar em mim e sentiu-se confortável para a troca de conhecimentos. Abordamos os motivos que dificultavam os colegas no convívio com ele através de conversas em grupos, e houve uma melhora. Dois alunos passaram a conversar e brincar com Eduardo¹ no intervalo. Antes o educando ficava sentado solitário. No dia dos professores recebi um abraço do “Edu”. Fiquei muito surpresa na demonstração de afeto. Sendo que, apenas outra professora da escola tinha um contato próximo com ele. Acho que é impossível ser um educador sem trabalhar com afeto. Aquele abraço e mais outro na festa surpresa que eles prepararam para mim, demonstra que nós recebemos o que ofertamos. Eu fui o ouvido para aqueles alunos que tinham alguma dificuldade pessoal, mediei conversa entre mãe e filha e fui além do que o processo seletivo simplificado exigia de mim. O conteúdo é o que menos importa, quando se tratam de pessoas. E a educação é um grande meio de transformação da sociedade, através do indivíduo no coletivo.

7 ESPECIALIZAÇÃO E PROCESSO SELETIVO SIMPLIFICADO II

Fui selecionada para cursar Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar no segundo semestre do ano de 2016, eis um divisor de águas na vida pessoal, profissional e social. O módulo que mais marcou, foi “*O Despertar e a Caminhada dos Educadores na Sociedade Contemporânea*”, não só pela conjuntura social e política, mas porque eu pude enfim construir meu conceito sobre educação. Lembrando que, aprendi com a minha mãe que educação era frequentar a escola. Mais adiante, no convívio com os colegas de profissão que educação os alunos deveriam obter em casa, com os seus responsáveis. E no decorrer dos diálogos e leituras, percebi que a educação não possui um espaço específico, nem necessita de uma pessoa com um diploma de doutorado em determinada área para educar. Ela acontece em qualquer lugar, entre dois ou mais sujeitos que se educam. Por tanto, quando meu avô nos contava suas experiências na Segunda Guerra, e nós escutávamos atentamente, estávamos nos educando. Assim como, quando minha avó me mostrava como cuidar das galinhas no sítio

1 Nome fictício utilizado para não expor o educando.

aonde viviam. E minha mãe nos ensinava a cuidar uns dos outros com carinho, ela estava nos educando emocionalmente a ter afeto e empatia. Parafraseando FREIRE, *ninguém educa ninguém, nos educamos juntos, mediatizados pela nossa realidade*. (1981, p.79). Outro exemplo de espaços educativos, é a participação de movimentos sociais e de ações no coletivo que promove a aprendizagem e troca de saberes. Este, eu vivi intensamente nas vivências e envolvimento nos projetos que partem dos alunos da UFPR Litoral.

Tive a oportunidade de participar da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE) Sudeste - SP em dezembro de 2016, ajudar a organizar a CONANE CAIÇARA em Matinhos, mês de junho de 2017 e estar na CONANE em Brasília neste mesmo ano. No evento de São Paulo, o que mais me marcou foi a “Ciranda”. Onde todos os educadores fizeram dois círculos, um menor no meio e outro maior. Quando a música tocava e os círculos giravam para lados opostos, os educadores de mãos dadas ficavam de frente uns para os outros. Neste momento eu senti que não estava sozinha. Era possível enxergar nos olhos de cada um que o sonho e a luta por outra educação não era apenas meu. A energia e a emoção são inarráveis. O evento ocorreu em uma das escolas que é referência em alternativas educacionais, a “*Amorim Lima*”, localizada no *Butatã*.

No período de Ocupação das escolas, final de 2016, ou “*Primavera Secundarista*”, quando estudantes se mobilizaram em diversos estados do país, manifestando-se contra a reforma do Ensino Médio, e para impedir a aprovação do Pacote de Emendas Constitucionais - PEC 241 e o PL 193, conhecido como “*Escola sem Partido*”, nós, estudantes do Curso de Especialização em Questão Social, tivemos vários diálogos para tentar acompanhar a conjuntura política e da mobilização dos secundaristas. Inclusive, conversamos com representantes da ocupação, e nos mobilizamos para auxiliá-los como eles necessitassem. Ficamos impressionados com a organização, a fala e o nível de conhecimentos político, de direitos sociais e a disposição para lutar por todos. Foi um momento de muito aprendizado.

Com o fim das ocupações, fui convocada no processo seletivo simplificado em dezembro do mesmo ano. Trinta dias para Turmas do 9º ano do Ens. Fundamental e 3º ano do Ens. Médio. Desde a primeira experiência como PSS,

percorri um caminho onde eu pude repensar abordagens, didáticas, conteúdos e principalmente, criar coragem para enfrentar o que fosse necessário para agir de acordo com o meu discurso. O período foi curto, porém, intenso. Novamente, tratando os alunos como colegas de aprendizagem, sendo chamada por meu nome, e não por meu cargo, proporcionei uma proximidade para que os educandos interagissem. No começo ficaram desconfiados, dado que, é raríssimo um professor descer do “púlpito” e se igualar aos alunos. Propus que votássemos sempre na aula anterior o tema a ser pesquisado e compartilhado no próximo encontro. Como estava no ápice da discussão da PEC 241 e a Medida Provisória 746, eles queriam dialogar sobre. Então definimos que eles trariam um material de pesquisa (vídeo, texto, música, poema, notícias...), e compartilhamos todo esse material. Como passo seguinte, fizemos uma assembleia para definir pontos contra e a favor da PEC e MP. E a votação foi unânime. Eles trouxeram o material, compartilharam se organizaram nas falas e votaram. Autonomia e responsabilidade. Claro, a direção não podia nem imaginar que estávamos falando sobre. Nos corredores ouvia-se que era para esquecer das ocupações, dos movimentos e dos retrocessos. Ou seja, diálogos sobre política e direitos sociais estavam proibidos.

Já na turma do terceiro ano noturno, a grande maioria trabalhava durante o dia e estudava a noite. Notei alguns conflitos, e propus diálogos e produções a partir de temáticas escolhidas por eles. Um dos conflitos tinha a ver com a falta de compreensão por parte dos colegas de uma aluna que participou fortemente das ocupações. Eles julgavam os secundaristas que realizaram o movimento por terem atrasado o calendário escolar. E a aluna já havia escolhido mudar para o período noturno por conta das perseguições. Lá fomos nós, pesquisa, compartilhamento de informações e discussão. Não houve mais ataques. Eles julgavam desconhecendo os fatos. Então, esta mesma aluna propôs o tema: *Feminismo e Machismo*. Lembrei de uma pesquisa que vi nas paredes da Escola *Amorim Lima*, intitulada “*Quem pode o quê?*”. Todo o trabalho se dava no coletivo. Organizamos as perguntas, distribuimos os questionários e saímos para aplica-los. Como a quantidade de pessoas no período noturno é pequena, precisávamos do maior número de participantes possível. Iniciava-se uma reunião de Associação de Pais e Professores, referente aos gastos do semestre. A aluna Francisca² pediu com

2 Nome fictício utilizado para não expor a educanda.

gentileza que respondessem às dez perguntas. A responsável disse que eles tinham coisas mais importantes para fazer. Fui chamada pela Francisca, e não resisti em dar uma resposta aos participantes da reunião. Aquela atitude além de inferiorizar a aluna foi um desestímulo para sua ação e curiosidade. Como se discussão de Gênero não fosse importante naquele espaço. Terminada a pesquisa, levantados os dados, disponibilizamos os gráficos no painel do corredor principal. Dois dias depois, o resultado havia sumido. Com certeza alguém se incomodou com o trabalho realizado por eles. Por outro lado, surtiu um efeito positivo na classe. O ambiente tornou-se muito mais equilibrado. Os meninos que antes ficavam provocando as meninas, passaram a respeitá-las, pois nesse processo colocaram-se no lugar delas e repensaram suas atitudes.

Não ensinei gramática puramente, não apliquei provas, não trabalhei com eles enfileirados e não me intitulei professora. Mas como eu avaliei a aprendizagem dos educandos? Nas produções escritas, argumentação, pesquisa, compartilhamento das informações e proposições. Cada um teve o seu desenvolvimento, de acordo com as suas dificuldades e potencialidades. Decorar regras gramaticais para quê? Dói. Cansa. Logo se esquece. Enquanto falamos ou escrevemos, ao nos comunicarmos estamos internalizando automaticamente as estruturas da língua. Claro, demandou bastante trabalho ter que ler tantos textos produzidos por eles. Mas foi fundamental. Chamar cada aluno para conversar sobre pontos a serem melhorados é importante. Ele se sente atendido, acompanhado. Estamos em constante transformação, assim é com a nossa língua materna. Francisca despediu-se com um abraço apertado, me dizendo que eu havia salvado o seu ano. Emocionei-me, via naquela aluna muito potencial. Extremamente engajada com as causas sociais, corajosa e muito sábia. Um presente na vida de quem ainda resiste nesse modelo de educação ultrapassado.

Já na edição Caiçara da CONANE, além do envolvimento na organização, participei dos diálogos e da tomada de decisão nas ações coletivas. Finalmente conheci José Pacheco, Sônia Goulart, Celso S. Vasconcellos, Marcos Rogério Pinto, entre outros expoentes da luta por uma outra educação. Percebi que, ao passo que eu me envolvia e me enredava nessa travessia, eu desconstruía muitos processos herdados culturalmente e socialmente. Aquele modelo de trabalho colaborativo, de um enredamento era eficaz. Uma espécie de troca de vivências, conhecimentos,

contatos e energia para ousar e enfrentar as dificuldades impostas pelo sistema atual. No encerramento do evento tive uma grande surpresa. Encontro Francisca e recebo a notícia de que ela tornara-se caloura no Curso de Geografia na UFPR Litoral. Ela participou no último dia da conferência e me reconheceu. Veio cumprimenta-me com um saudoso abraço. Nesse momento eu tive a certeza de que é isso que gosto de fazer. E escolhi lá atrás, enquanto criança. Na caminhada fui ressignificando a escolha.

Então, passei a me envolver no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação – ANE. Meu mediador foi me introduzindo em muitos espaços de troca. Entre um evento e outro, aulas na Especialização em Questão Social, propostas de oficinas em projetos da ANE, saídas a campo com a turma de Agroecologia (levando comigo meu filho Jeferson, pois, Valdo sempre frisou a importância da interação entre as gerações na educação), assistindo a apresentações de trabalhos de conclusão de diversas turmas e muitos outros acontecimentos plurais.

Lotamos dois ônibus com uma turma bem mista em direção ao Distrito Federal: professores e alunos da UFPR, professores e alunos de escolas públicas, de uma aldeia indígena e pessoas interessadas em compreender a busca. Que antes de tudo são educadores. Um dos ônibus quebrou na metade do caminho e tivemos que nos ajustar para que um dos veículos chegasse a tempo para a abertura do evento. Foi bastante difícil partir com metade do grupo e deixá-los a espera de outro transporte. O local era bem deserto, mas seguimos tentando passar força e esperança através de mensagens via celular. Eles também as recebiam das pessoas que nos aguardavam (Sônia Goulart, José Pacheco, Marcos Rogério...). Ainda assim, chegamos no final do primeiro dia do evento e fomos recepcionados com um caloroso abraço na porta do local. Foi muito confortante. Estávamos cansados, sem banho e incompletos. Os outros chegaram na manhã do dia seguinte, portanto, o segundo dia de evento foi uma festa com a turma completa. O convívio na adversidade é um ambiente fértil para abaixarmos a guarda, compartilhar alegrias, dividir tristezas e multiplicar essa energia transformadora.

A CONANE em Brasília proporcionou uma troca riquíssima, vivências únicas, um aumento da rede de educadores, vários posicionamentos para medidas e ações

que partiram dos círculos de conversa, entre outras. Um dos acontecimentos que ficará na nossa memória, foi o desvio da rota até o coração do país. Com uma parada estratégica onde nos manifestamos contra o governo golpista, tirador de direitos sociais. Deixamos nosso grito que estava engasgado, despertamos a atenção dos guardas do Planalto Central, e assim como nós, alguns dos que transitavam pelo local, reforçaram em uníssono “Fora Temer!”. Segundo Jaures (apud VASCONCELLOS; CELSO, 2014, p.48), *“para que rebente uma revolução, é necessário que as classes inferiores sofram de um terrível mal-estar ou uma grande opressão. Mas é necessário também que tenham um princípio de força e, por conseguinte, de esperança”*. Se pensarmos na CONANE e nos educadores envolvidos nesse movimento por alternativas de educação, nossa força se dá através do “enredamento”, e a esperança é despertada ao descobrimos projetos inovadores de alternativas acontecendo Brasil afora.

Em setembro de 2017, acompanhando estudantes da ANE, nos dirigimos para Ibiúna, Arujá e Heliópolis no Estado de São Paulo. Em Ibiúna tivemos uma amostra de perseverança por parte da comunidade escolar da Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho. A diretora conseguiu a aprovação e envolvimento da comunidade na implantação de um PPP em que os alunos estudam por projetos de pesquisa. Passamos a manhã e o almoço com aquelas crianças extremamente comunicativas, responsáveis e curiosas. Apresentaram alguns de seus projetos, da sua rotina, como realizavam sua assembleia para a escolha dos conteúdos que pesquisariam. Realmente impressionante, saí da escola esperançosa. Então, fomos até Arujá, cidade em que Marcos Rogério Pinto reúne um grupo de pessoas ligadas à educação para planejar estratégias de (des)formação e a implantação de um projeto inovador.

Existem muitos movimentos acontecendo, só não estão visíveis dependendo dos meios de informação a que se tem acesso. Ao conectar-se num grupo que esteja nesse enredamento, vão surgindo várias iniciativas e possibilidades de um envolvimento no processo de transformação da sociedade através da educação. A estadia no Centro de Educação Unificada - CEU, em Heliópolis, foi muito especial. Um exemplo de quando se olha para as necessidades de uma comunidade, para a realidade do aluno e se abre espaço para que este, seja parceiro na construção de

um projeto educacional. A transformação é visível, tanto na instituição, quanto na comunidade. E eles relatam com muito orgulho essa parceria.

8 VALORES E RESSIGNIFICAÇÃO

Ao final do curso de especialização, porém, ainda envolvida em outros espaços de intensa troca interdisciplinar, Interexperencial, interinstitucional, Intergeracional e intercultural, sigo em constante descoberta e construção de conhecimentos essenciais para o meu desenvolvimento humano. E nesse processo, surgirão novas inquietações, muitas outras ressignificações entre vivências e histórias a serem relatadas.

Partindo da concepção de valores presente no Relatório de Desenvolvimento Humano – Brasil 2009\2010, de que “*valores são uma construção sociopsíquica*”, ou seja, eles se constroem em diversas culturas, sofrendo ingerência pelos costumes, regras institucionais e, são influenciados pela relação social. Eles podem ter várias funções: são essenciais em nossas opiniões sociais, religiosas e políticas, e ainda, podem servir como corrente de influência, motivando ações de um indivíduo. Eles também podem nos ajudar a compreender alguma situação, sendo importantíssimo na resolução de problemas, portanto, distancia-nos de complicações psicológicas. Porém, cada indivíduo terá seu conceito sobre cada valor.

Analisando meu convívio com os avós, estou certa de ter constituído muitos valores essenciais como o respeito, amor e simplicidade. Em conversa com Clarice, ela me contou que eles plantavam a maioria dos alimentos que consumiam. Minha avó mesma era quem colhia a erva-mate e sapecava para moer. Eu e meu filho mais velho tivemos a oportunidade de realizar a colheita e o preparo da erva-mate para o consumo, em uma das saídas a campo da turma de Agroecologia. Ao juntar essas informações, penso na importância de passar certos conhecimentos, costumes e experiências vivenciados por nossos antepassados. De certa maneira, é uma garantia de que o indivíduo saiba de onde ele vem. A figura feminina sempre foi fonte de força e sabedoria na família, talvez, seja por isso que sou sempre consultada pela minha família nas decisões, sou auxílio nas dificuldades, educo filhos e sobrinhos, e tenho longas conversas com meu pai e minha mãe. Penso que ele se transformou por conta das nossas perdas, mas também pelos diálogos sobre o passado. Hoje, já não bebe e passou a respeitar minha mãe. Constituído junto dos

meus irmãos e nossos pais: ressentimento, honestidade, educação, medo, apoio, empatia, curiosidade, união, alegria, cuidado, entre muitos outros. Na escola foram: amizade, inquietação, rebeldia, negação, tristeza, medo, indignação, esperança e determinação. Quando perdi meus irmãos descobri a capacidade de manter-me equilibrada diante da pior situação. Agir de forma racional. Descobri a saudade e como alcançar a resiliência. Com o passar do tempo e das vivências, adquiri outros valores ainda: solidariedade, persistência, sororidade, criatividade, empoderamento e, ressignifiquei o amor, o respeito, a liberdade e a educação. Acredito que o processo de ressignificação, de acordo com a neurolinguística, possibilita que o sujeito atribua novos significados para os seus valores a partir da sua visão de mundo. Tudo depende dos filtros que usamos para enxergar as situações. Ao mudar o filtro, muda-se o significado de determinado acontecimento, ou seja, ressignifica-se através do filtro.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências foram altamente férteis no resgate, ou, construção da minha identidade. Esta, que vai se dando na relação com o outro em diversos espaços. Três valores foram preciosos nessa caminhada, para aprender no coletivo. E a partir dessas experiências, sinto-me capaz de envolver-me nos projetos comunitários, posto que, já participo de ações coletivas, proponho oficinas e ajudo na construção do projeto *Centro de Convivências Agroecológicas*. Percebo-me mais consciente da necessidade de abraçar certas causas. Automaticamente nos damos conta do quanto o sistema e a mídia de massa nos tornam superficiais. Vazios. Hoje, sinto-me próxima de mim mesma, da minha essência. A vontade de anunciar a descoberta é grande, mas para que o outro se perceba, e descubra o mundo em que vive, é necessário que ele faça o seu trajeto, tal como o Valdo me inseriu nos meios para eu obter essa constatação. O espaço que o educador dá para que o aluno exerça sua autonomia é fundamental. E ele me deixou a vontade para que eu me encontrasse nos ambientes, nas escolhas e ações, e aos poucos, fui caminhando sozinha. Como quando um bebê aprende a dar os primeiros passos. Olho para os meus filhos com esperança de que eles possam se descobrir no mundo. E procuro agir como mediadora desse processo.

O Curso de Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar foi um passo muito significativo e superou minhas expectativas. Foi de intensos aprendizados, diversos conhecimentos, e ainda, foi a ponte para o meu retorno à academia, e na ANE pude encontrar parceiros com engajamento para fazer acontecer a educação do futuro.

ANEXOS

(foto: autor desconhecido)

Grafite e Consciência – Turma do 9º ano – C. E. Mustafá Salomão, 2015.



(foto: autor desconhecido)

Turma de Esp. Em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, 2016.



(foto: Denise Mazuroski)

Jeferson Filho “sapecando” a erva-mate. Saída a campo do curso de Agroecologia. Sítio Terra Graciosa, Quatro Barras- PR.



(foto: Brenna Orrico Azevedo)

Sr. João mostrando como é uma caixa de cultivo de abelhas. São José dos Pinhais- PR.



(foto: autor desconhecido)

ANE- Especialização em Alternativas para uma Nova Educação e seus colaboradores, 2017.



(foto: autor desconhecido)

Protesto contra a retirada dos Direitos Sociais. Momento "FORA TEMER!!!".



(foto: autor desconhecido)

Delegação ANE - Final do Evento CONANE- DF.



(foto: autor desconhecido)

Conversa com Simon Martinez, educador ativista da REEVO – Rede de Educação Viva, que mapeia alternativas educacionais na América- Latina.



(foto: Samyra de Lourdes Stephan)

Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho. Alunos nos mostrando como funciona o ensino por projetos de pesquisa.



(foto: Samyra de Lourdes Stephan)

Museu do Brinquedo, prosa com Celso dos Santos Vasconcellos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 9ª ed. Paz e Terra; Rio de Janeiro, 1981.

MORIN, E. Os sete saberes necessários a educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Para onde vai o professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação, 14ª ed. São Paulo; Celso dos S. Vasconcellos, 2014.

Valores e Desenvolvimento Humano 2010/ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 1ª ed. Brasília, 2010.